

FACULDADE DE LETRAS  
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

# CONIMBRIGA

VOLUME X



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1971

## MAIS ALGUMAS PEQUENAS COLECCÕES DE VIDROS ROMANOS

Reunimos neste artigo alguns vidros romanos de várias colecções públicas e particulares portuguesas. Uma boa parte (1 a 12, 16 e 45), guardada no Museu Municipal de Alcácer do Sal, foi certamente encontrada no local da antiga Salácia. Outros (17 a 19, 21, 22, 28, 32, 34 a 36, 51, 52, 54 a 56) pertencem ao Instituto de Antropologia Doutor Mendes Corrêa da Faculdade de Ciências do Porto. Os do Museu Nacional de Machado de Castro (Coimbra) nem sempre têm indicação de proveniência: alguns foram achados no criptopórtico subjacente ao Museu (20, 30, 31); outros, no Pátio da Universidade (24, 27); os que não têm indicação foram, provavelmente, achados também no criptopórtico (37 a 39, 41, 44, 50, 57, 59). O Museu de Castro Guimarães (Cascais) guarda um balsamário proveniente de Tróia de Setúbal (15). Do Museu Monográfico de Conimbriga publica-se uma peça adquirida posteriormente à nossa publicação de *Vidros romanos de Conimbriga* (47). Na colecção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja) encontram-se os números 14, 23, 25, 26, 40, 42, 43, 48, 49. Na do Eng.º Luís Bairrão (Tramagal, Abrantes), os números 29, 33, 53, 58. Na do Dr. Joaquim Torrinha (Vila Viçosa), o número 13. Finalmente, na do Dr. João de Figueiredo (Vila Viçosa), o número 46\*.

Além dos vasos de vidro, publicamos uma colecção de anéis, contas de colar e pedras de jogo guardadas no Museu Nacional Machado de Castro. São todos provenientes do criptopórtico sob o Museu, com excepção do anel da est. VI, 10, que foi encontrado todavia ainda nas cercanias do Museu.

\* Agradecemos aos proprietários nomeados e aos directores dos museus citados a autorização que amavelmente nos concederam para estudarmos estes vidros.

## UNGUENTARIOS

As várias formas dos unguentários 2 a 25 não são inéditas em Portugal. O número 2 é um unguentario tubular com estrangulamento na parte superior, idêntico a outros de Almeirim, necrópole da Horta das Pinas e museu de Faro (x). O tipo é datável da primeira metade do século i d.C.

Os números 2 e 3 são unguentários com estrangulamento a meia altura. O número 2 tem um reservatório estreito, enquanto o do número 3 é triangular. O primeiro, atribuível à segunda metade do século i d.C., tem paralelo em vidros de Bensafrim (2); o segundo data do século i d.C. e é idêntico a um exemplar de Bensafrim e outro da Biblioteca Nacional de Lisboa, este sem indicação de proveniência (3).

Os números 4 e 5 são demasiadamente pequenos para poderem ser classificados com rigor, mas datam do mesmo século.

Os números 6 e 7 são unguentários em forma de gota, já registados em Almeirim, Bensafrim, Monte Molião, Horta das Pinas, Tavira e sem indicação de proveniência no Museu Arqueológico da Fundação da Casa de Bragança em Vila Viçosa (4). Geralmente atribuídos aos reinados de Augusto e Tibério, fabricaram-se ainda pelo menos no reinado de Cláudio, como atesta o achado de Tavira referido.

O número 8 cabe no tipo I sings 27, para o qual a autora cita exemplos do século i ao iv. O nosso exemplar, pela qualidade do vidro, é possivelmente do século i ou n.

Os números 9 a 22 cabem nos tipos Isings 6 ou 26 que parecem menos frequentes em Portugal, pois apenas podemos citar um exemplo da Horta das Pinas e um outro sem indicação de proveniência, na Biblioteca Nacional de Lisboa (5). (\*)

(\*) Alarcão, 1963 (1), n.º 4; Alarcão, 1967, n.º 6; Alarcão, 1968, n.º 17.

(a) Alarcão, 1964, n.º 8.

(b) Alarcão, 1964, n.º 16; Alarcão, 1969, n.º 58.

(4) Alarcão, 1963 (1), n.º 5; Alarcão, 1964, n.ºs 1 e 2; Alarcão, 1967, n.º 58; Alarcão, 1968, n.º 3; Alarcão, 1967, n.ºs 57 e 59.

(5) Alarcão, 1967, n.º 56; Alarcão, 1969, n.º 56.

O número 12, por conservar apenas o gargalo, não se pode classificar com segurança.

O número 13 tem paralelos em Portalegre, Conimbriga, Jerumenha e Horta das Pinas (x); data da segunda metade do século i d.C.

O número 14 é forma que se encontra em Bensafrim e Monte Molião (2) e se pode atribuir à segunda metade do século i e aos inícios do ii d.C.

O número 15 é um unguentário de tipo Isings 82 B 2. Esta forma, que no Oriente parece ser da segunda metade do século n e mesmo do séc. m e iv, no Ocidente encontra-se já nos fins do i e inícios do n. Uma sepultura de Pombalinho, que publicámos em 1969 e atribuímos à primeira metade do século n, continha um unguentário deste tipo (3).

Quanto ao número 16, não encontramos paralelo. É, possivelmente, um pequeno balsamário do século i d.C.

1 – Vidro azul Caran d\*Ache com impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.

Irisão, picado, leitosidade ligeira. Levemente esborcelado.

Alt.: 100 mm. Diâm. máx. 26 mm. Exp. mín.: 0,5 mm.

Reservatório em forma de gota, fundo côncavo, gargalo curto com estrangulamento na base, bordo de arestas.

Proveniente de Alcácer do Sal.

Museu Municipal de Alcácer do Sal.

2 – Vidro ligeiramente tingido de verde-alface, com bolhas de ar.

Irisão, picado intenso. Incompleto.

Alt. 85 mm. Diâm. boca 23 mm. Esp.: 0,75 mm.

Gargalo alto, com estrangulamento na base, bocal afunilado, bordo de arestas polidas ao fogo.

Proveniente de Alcácer do Sal.

Museu Municipal de Alcácer do Sal.

1) Alarcão, 1963 (1), n.º 29; Alarcão, 1965, n.º 66; Alarcão, 1967, n.os 49 e 50.

(2) Alarcão, 1964, n.os 3 a 6; Alarcão, 1968, n.º 30.

(3) Jorge de Alarcão, *Espólio de uma sepultura luso-romana de Pombalinho (Santarém)*, «O Arqueólogo Português», Série III, 2, 1968, p. 82-83. Vide também Vessberg, 1955, p. 203-205 e Isings, 1957, p. 99.

- 3 – Vidro ligeiramente tingido de verde-gelo, com bolhas de ar, estrias de soflagem, pedra e impurezas negras.  
Leitosidade incipiente embacia todo o vidro. Incompleto.  
Alt.: 57 mm. Diâm. máx.: 27 mm. Esp.: 1 mm.  
Reservatório em forma de gota, fundo côncavo com estrangulamento na base.  
Proveniente de Alcácer do Sal.  
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 4 – Vidro verde-alface com bolhas de ar.  
Picado intenso e ligeira irisão. Conserva-se apenas um fragmento do fundo.  
Alt. 26 mm. Diâm. máx.: 23 mm. Esp. mín.: 2,5 mm.  
Reservatório em forma de gota, fundo côncavo.  
Proveniente de Alcácer do Sal.  
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 5 – Vidro verde-gelo de cor muito intensa, com bolhas, estrias da soflagem e impurezas.  
Picado, crateras, ligeira irisão. Conserva-se apenas parte do reservatório.  
Alt. 40 mm. Diâm. máx.: 23 mm. Esp. mín.: 1,5 mm.  
Reservatório em forma de gota, fundo ligeiramente côncavo.  
Proveniente de Alcácer do Sal.  
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 6 – Vidro azul Caran d'Ache.  
Picado intenso e irisão. Ligeira leitosidade embacia todo o vidro.  
Fragmentado e incompleto.  
Alt.: 96 mm. Diâm. máx.: 34 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.  
Perfil em forma de gota, fundo ligeiramente côncavo.  
Proveniente de Alcácer do Sal.  
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 7 – Vidro azul Caran d'Ache.  
Picado intenso, irisão e ranhuras. Incompleto.  
Alt.: 80 mm. Diâm. máx.: 24 mm. Esp. mín.: 0,75 mm.  
Perfil em forma de gota, base ligeiramente côncava.  
Proveniente de Alcácer do Sal.  
Museu Municipal de Alcácer do Sal. <sup>8</sup>
- 8 – Vidro verde-alface, com bolhas de ar.  
Muito picado, com ranhuras e ligeira irisão. Incompleto.  
Alt.: 80 mm. Diâm.: 20 mm. Esp.: 0,5 mm.  
Reservatório tubular, fundo arqueado sem sustentação.  
Proveniente de Alcácer do Sal.  
Museu Municipal de Alcácer do Sal.

- 9 – Vidro azul Caran d\*Ache, com bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.  
Picado intenso, ranhuras e irisão. Fragmentado e incompleto no gargalo e no bordo.  
Alt.: 78 mm. Diâm. máx.: 43 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.  
Reservatório ovóide muito largo, fundo côncavo, gargalo alto e cilíndrico, de perfil sinuoso, bocal afunilado, bordo polido ao fogo.  
Proveniente de Alcácer do Sal.  
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 10 – Vidro cor de mel, com impurezas negras e estrias resultantes da soflagem.  
Picado intenso, ranhuras cortando toda a espessura do vidro, irisão nacarada.  
Fragmentado e incompleto.  
Alt.: 55 mm. Diâm. máx.: 35 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.  
Reservatório ovóide, fundo côncavo, gargalo curto.  
Proveniente de Alcácer do Sal.  
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 11 – Vidro azul Caran d\*Ache com bolhas de ar.  
Picado intenso e ligeira irisão. Incompleto.  
Alt.: 39 mm. Diâm. boca: 20 mm. Esp.: 0,75 mm.  
Gargalo canelado, possivelmente por torsão. Bordo polido ao torno.  
Proveniente de Alcácer do Sal.  
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 12 – Vidro ligeiramente tingido de verde-alface.  
Picado intenso, ranhuras muito fundas cortando toda a espessura do vidro.  
Alt.: 78 mm. Diâm. boca: 36 mm. Esp. mín.: 1 mm.  
Gargalo alto e cilíndrico, bordo envasado, repuxado para fora e depois dobrado para dentro sobre si mesmo, ultrapassando a linha interna do gargalo mas não em todo o circuito.  
Proveniente de Alcácer do Sal.  
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 13 – Vidro verde-gelo.  
Completo e intacto.  
Alt.: 105 mm. Diâm. da boca: 30 mm. Diâm. máx.: 67 mm. Esp. 1 mm.  
Reservatório bulbiforme, gargalo cilíndrico com ligeiro estrangulamento na base, bordo revirado para fora e depois para dentro, fundo côncavo.  
Sem indicação de proveniência.  
Colecção do Dr. Joaquim Torrinha (Vila Viçosa).

- 14 – Vidro verde-gelo, com bolhas de ar, espirais resultantes da soflagem e pedra.  
 Incompleto. Picado incipiente, manchas leitosas e irisão multicolor na face interna.  
 Alt.: 94 mm. Diâm. máx.: 29 mm. Esp.: 1 mm.  
 Reservatório triangular, fundo côncavo, gargalo alto, sobre o cilíndrico, estrangulado na base.  
 Proveniente de Fronteira (Alentejo).  
 Colecção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).
- 15 – Vidro verde-azeitona, com muitas bolhas de ar, estrias resultantes da soflagem e pedra.  
 Intacto, com irisão, principalmente no fundo, e concreções calcárias, sobretudo no reservatório.  
 Reservatório triangular achatado, fundo côncavo, gargalo alto e cilíndrico, bordo revirado para fora e depois para dentro.  
 Alt.: 195 mm. Diâm. da base: 105 mm. Diâm. boca: 42 mm. Esp. 1 mm.  
 Proveniente de uma sepultura de Tróia (Setúbal).  
 Oferecido em 23 de Setembro de 1940 pela Senhora D. Maria do Carmo Figueiredo.  
 Museu dos Condes de Castro Guimarães (Cascais).
- 16 – Vidro azul ultramarino.  
 Ligeiro picado e irisão. Incompleto.  
 Alt.: 21 mm. Diâm. do bocal: 21 mm. Esp. máx.: 3 mm.  
 Gargalo alto e cilíndrico, com estrangulamento bem marcado na base, bocal afunilado, bordo de arestas polidas ao fogo.  
 Proveniente de Alcácer do Sal.  
 Museu Municipal de Alcácer do Sal.

### TAÇAS E COPOS

Os números 17 a 20 são taças caneladas, frequentes em outras estações luso-romanas do centro e norte do País. Dos números 18 e 20 conserva-se o suficiente para se verificar a existência de ranhuras decorativas pelo interior da copa, pormenor que, segundo Berger, caracteriza as taças anteriores a 30-40 d.C. Das outras não se poderá dizer senão que são do séc. i d.C. C).

O número 21 é certamente um fragmento de taça hemisférica. A exiguidade do fragmento torna impossível a determinação

(0 Berger, 1960, p. 18-19.

do diâmetro e difícil a da inclinação exacta da parede. Talvez esta fosse mais inclinada, dando à taça a forma de calote esférica. Seja como for, pertence a um grupo de taças moldadas, decoradas com ranhuras, ora pelo exterior ora por dentro, ora ainda nas duas faces, grupo de que G. Weinberg se ocupou recentemente (\*), a propósito de taças de Tel Anafa (Galileia). Os exemplares mais antigos deste grupo são, até agora, os de Tel Anafa, datáveis de 150-75 a.C. Em Samaria-Sebaste, exemplares idênticos datam possivelmente do fim do século i a.C. O mesmo tipo encontrou-se em Camulodunum, em 61-65 d.C. (2). O fabrico deste tipo não veio, porém, certamente, até tão tarde: a data de Camulodunum poderá representar um *terminus* da utilização mas não do fabrico; este findou possivelmente na época de Augusto.

O número 22 pode pertencer a um copo de tipo Isings 29, forma que se fabricou no século i d.C.

O número 23 é uma taça de um tipo muito comum no forte claudiano de Hofheim. Em Portugal, o tipo encontrou-se no castro da Retorta, em Conimbriga (3) e em Miróbriga (4).

O número 24, embora difícil de classificar pela exiguidade do fragmento conservado, pode atribuir-se ao século i d.C. pela intensidade da cor. É possível que se trate de taça com o bordo em forma de aba.

Ao mesmo século se deve atribuir a taça número 25, que cabe no tipo Isings 42. Não conhecemos, em Portugal, taças do mesmo perfil.

O copo número 27 tem paralelo muito próximo em Conimbriga (5). Ao publicarmos este último, integramo-lo num grupo para o qual sugerimos uma data no século ii ou inícios do iii d.C., sem todavia podermos apresentar provas concludentes.

O número 28 parece ser um prato de dimensões invulgares, para o qual não conhecemos paralelo.

f1) G. D. Weinberg, *Hellenistic glass from Tel Anafa in Upper Galilee*, «Journal of Glass Studies», Corning, 12, 1970, p. 17 s.

(2) Harden, in Hawkes e Hull, *Camulodunum. First report on the excavations at Colchester, 1930-1939*, Oxford, 1949, p. 301, n.º 56.

(8) Alarcão, 1965, n.º 47 e p. 40-41.

(4) Alarcão, 1968, n.º 69.

(5) Alarcão, 1965, n.º 126.

As taças de bordo engrossado ao fogo como os números 29 a 31 são uma forma frequente em Portugal. Em Conimbriga encontram-se perfis variados, que procuraremos sistematizar no relatório, que preparamos, das escavações luso-francesas. As taças de copa troncocónica, com bordo no seguimento da parede ou com um ligeiro envasamento, constituem uma das variantes mais comuns. Muito frequentes no século iv, estas taças fabricaram-se com igual abundância no v e devem ter-se mantido em data posterior (1).

A taça número 32, de copa arqueada como a popa de um barco, poderia ter o fundo arredondado ou com ligeiro achatamento para lhe dar maior estabilidade. Os paralelos mais próximos que conhecemos são dois exemplares do British Museum, ambos com decoração gravada (2). Também se pode aproximar esta forma de certas taças da Alemanha, ora lisas ora decoradas (3), atribuíveis ao século iv d.C. A forma é também conhecida em Conimbriga e no Vale do Junco (4).

Os números 33 a 36 são copos troncocónicos do século iv ou v. Já em 1965 publicámos diversos perfis de copos deste mesmo tipo e época achados em Conimbriga. Nenhum, porém, permitia a reconstituição completa das formas. Novos achados feitos em Conimbriga e ainda inéditos, uma peça igualmente inédita da necrópole de Silveirona no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, os copos da necrópole do Beiral publicados por Fernando Lanhas (5), vêm acrescentar-se aos três perfis completos do Museu de Guimarães que publicámos em 1965 (6), permitindo formar

(1) Alarcão, 1965, p. 110 s. e 120 s.

(2) D. B. Harden e outros, *Masterpieces of Glass*. The British Museum, 1968, p. 72 s.

(3) Renate Pirling, *Neue Funde römischer Glaser aus Krefeld-Gellep*; «Kölner Jahrbuch», Band 9, 1967-68, p. 39 e fig. 8, 2, posterior a 341 d.C.; Fremersdorf, *Die römischen Glaser mit Schliff, Bemalung und Goldauflagen aus Köln*, Colónia, 1967, ests. 103, 230, 244, datáveis de 320-340 a 370.

(4) Alarcão, 1965, n.ºs 197-199; Maria Amélia Horta Pereira, *Monumentos Históricas do concelho de Mação*, Coimbra, 1970, p. 371.

(5) F. Lanhas, *O espólio de Beiral*, «Revista de Etnografia», Porto, 12 (1), Jan. 1969, p. 249 s.

(6) Alarcão, 1963, n.ºs 31, 34 e 35.

uma ideia das formas de copos em voga no Baixo Império, em Portugal.

Para o número 37 não encontramos paralelo.

Na tipologia de Isings, as taças de copa encovada a espaços regulares como a nossa 38 constituem o tipo 117, atribuído ao século iv d.C. No entanto, já em épocas anteriores encontramos taças sensivelmente das mesmas proporções e com o mesmo tipo de decoração (1). É possível que as taças mais antigas tenham as paredes quase verticais.

O número 39 pertence a uma taça ou prato covo cuja forma não pode determinar-se pela exiguidade do fragmento.

17 – Vidro verde-gelo, muito brilhante.

Picado e com leitosidade incipiente. Conserva-se apenas uma canelura e parte da outra.

Diâm. da boca: 170 mm. Esp. mín.: 2 mm.

Bordo polido ao torno. As cabeças das caneluras são redondas.

Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.

Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.

18 – Vidro transparente, verde-gelo.

Riscado pelo uso.

Esp. mín.: 3 mm.

Tem, gravadas pelo interior, duas coroas circulares.

Proveniente das escavações de Ricardo Severo em Bagunte.

Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.

19 – Vidro verde sombrio.

Picado. Conserva-se apenas uma canelura.

Esp. mín.: 1,5 mm.

Bordo polido ao torno. Canelura de cabeça facetada.

Achado em Bagunte em 1903.

Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.

20 – Vidro azul Caran d'Ache.

Picado, com ranhuras e irisão ligeira.

Espessura mín.: 1,75 mm. (\*)

(\*) G. Müller, em *Jahrbücher des Staatlichen Vertranensmanner für 1956-58*, «Bonner Jahrbücher», 59, 1959, p. 401 s., fig. 39, 6, em título do século II d.C.

- Tem duas ranhuras concêntricas do lado interno da parede.  
Encontrado nos entulhos do criptopórtico de Aeminium.  
Museu Nacional de Machado de Castro.
- 21 – Vidro translúcido, violeta.  
Leitiosidade muito ligeira, riscos causados pelo uso e ranhuras fundas.  
Esp. mín.: 1,5 mm.  
Tem uma canelura pelo interior. Bordo polido ao torno.  
Proveniente da cidade de Terroso.  
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 22 – Vidro transparente, levemente tingido de azul-petróleo.  
Picado ligeiro na face externa.  
Alt. conservada: 57 mm. Diâm. da boca: 80 mm. Esp. mín.: 1,5 mm.  
Copo ovóide; bordo de arestas, decorado com uma canelura e, sob ela,  
uma fina linha gravada.  
Descoberto em 1903 na cidade de Bagunte.  
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do  
Porto.
- 23 – Vidro translúcido, azul-ultramarino.  
Picado, com irisão multicolor e riscos feitos pelo uso.  
Diâm. da boca: 90 mm. Esp. 2 mm.  
Decorado com caneluras gravadas. Marcas visíveis de polimento ao  
torno.  
Coleção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).
- 24 – Vidro azul ultramarino com algumas bolhas de ar.  
Irisado e riscado.  
Diâm. do pé: 90 mm. Esp. mín.: 0,75 mm.  
Fragmento de taça com pé apertado com turquês.  
Encontrado em 1949 no pátio da Universidade de Coimbra, ao assen-  
tar-se a estátua de D. João III.  
Museu Nacional de Machado de Castro.
- 25 – Vidro levemente tingido de verde-musgo, com muitas bolhas de ar,  
filandrado e com pedra.  
Intacto, com leitiosidade incipiente e ligeiro picado. Riscado pelo uso.  
Diâm. máx.: 110 mm. Alt.: 35 mm. Esp.: 1 mm.  
Parede em S, fundo côncavo, pé apertado com turquês.  
Encontrado em Fronteira (Alentejo).  
Coleção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).
- 26 – Vidro muito ligeiramente tingido de verde-maçã.  
Picado intenso. Irisão multicolor.  
Esp.: 2 mm.

Bordo em forma de pequena aba ligeiramente encurvada.  
Proveniente das Represas (Beja).  
Colecção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).

27 – Vidro incolor.

Leitoso, irisado.

Diâm. da boca: 78 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.

Copa troncocónica, bordo envasado, de arestas.

Encontrado em 1949 no pátio da Universidade de Coimbra, ao assentar-se a estátua de D. João III.

Museu Nacional de Machado de Castro.

28 – Vidro muito ligeiramente verde-gelo.

Conservam-se dois fragmentos, muito irisados em ambas as faces.

Diâm. máx.: 320 mm. Esp.: 2 mm.

Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.

Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.

29 – Vidro verde-maçã, com muitas bolhas de ar.

Picado incipiente e irisação nacarada.

Diâm.: 148 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.

Bordo engrossado ao fogo. Decorado com um cordão de vidro branco enrolado em duas voltas, na maior parte desfeito.

Encontrado no Tramagal (Abrantes), em propriedade do Eng. Luís Bairrão, em cuja posse se encontra.

30 – Vidro verde-azeitona com algumas bolhas de ar.

Riscado pelo uso.

Diâm. da boca: 190 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.

Fragmento de taça de bordo engrossado e polido ao fogo.

Encontrado nos entulhos do criptopórtico de Aeminium.

Museu Nacional de Machado de Castro.

31 – Vidro verde-alface, com bolhas de ar e pedra.

Riscado pelo uso.

Diâm. da boca: 176 mm. Esp. mín.: 0,5 mm.

Fragmento de taça de bordo engrossado e polido ao fogo.

Encontrado nos entulhos do criptopórtico de Aeminium.

Museu Nacional de Machado de Castro.

32 – Vidro verde-azeitona com raras bolhas de ar.

Riscado pelo uso.

Diâm. máx.: 180 mm. Esp. 2 mm.

- Copa encurvada como a popa de um barco, decorada com duas faixas de linhas finamente incisas. Bordo de arestas vivas.  
Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.  
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 33 — Vidro verde-musgo, coalhado de bolhas de ar.  
Picado e riscado pelo uso.  
Diâm. da boca: 128 mm. Esp. 1,5 mm.  
Paredes oblíquas e bordo envasado.  
Encontrado no Tramagal, em propriedade do Eng. Luís Bairrão, em cuja posse se encontra.
- 34 — Vidro levemente tingido de verde-maçã, com estrias resultantes da soflagem e coalhado de bolhas de ar.  
Ligeira leitosidade embacia todo o vidro.  
Diâm. da boca: 100 mm. Esp. mín.: 1 mm.  
Paredes oblíquas, bordo envasado e de arestas vivas.  
Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.  
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 35 — Vidro verde-azeitona, com algumas bolhas de ar.  
Leitosidade incipiente.  
Diâm. da boca: 100 mm. Esp.: 1,5 mm.  
Paredes oblíquas, bordo engrossado e polido ao fogo.  
Proveniente de Vila Nova de Telha.  
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 36 — Vidro verde-azeitona, com muitas bolhas de ar.  
Leitosidade incipiente.  
Diâm. de boca: 100 mm. Esp. mín.: 1 mm.  
Parede oblíqua, bordo ligeiramente envasado e de arestas vivas.  
Proveniente de Vila Nova de Telha.  
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 37 — Vidro incolor, com muitas bolhas de ar.  
Irisão muito espessa, nacarada.  
Diâm. da boca: 106 mm. Esp.: 1 mm.  
Fragmento da copa de um cálice, decorada com um cordão de vidro branco em três voltas, sendo a de cima ligeiramente mais grossa.  
Encontrada provavelmente no criptopórtico de Aeminium.  
Museu Nacional de Machado de Castro.

- 38 – Vidro incolor, com bolhas de ar miúdas.  
Irisão branca esmaltada.  
Diâm. da boca: 120 mm. Esp.: 1,5 mm.  
Fragmento de copa de uma taça decorada com depressões ovais. Sob o bordo de arestas polidas ao torno corre uma ranhura.  
Encontrado provavelmente no criptopórtico de Aeminium.  
Museu Nacional de Machado de Castro.
- 39 – Vidro incolor.  
Leitoso.  
Esp. min.: 1 mm.  
Fundo de taça decorada com facetas lapidadas em forma de grãos de arroz entre coroas circulares de ranhuras.  
Encontrado provavelmente no criptopórtico de Aeminium.  
Museu Nacional de Machado de Castro.

## OUTRAS FORMAS

O perfil do número 40, reconstituído a partir dos fragmentos que restam e não permitem recompor o jarro, não é inteiramente seguro; parece-nos, todavia, o mais provável. Assemelha-se a um tipo cipriota publicado por Harden e Vessberg (x).

Os números 41 e 42 são fundos de garrafas prismáticas moldadas, de tipo Isings 50, atribuíveis à segunda metade do século i ou já ao ii d.C.

O número 43 é resto de uma asa de skyphos de tipo Isings 39, que devemos atribuir à segunda metade do século i d.C.

O número 44 é uma asa delfiniforme de um aríbalo de tipo Isings 61. A duração deste tipo, de que há exemplares desde o século i à época de Constantino, não permite precisar a cronologia. Frequente noutras províncias do Império, o aríbalo de asas delfiniformes é raro em Portugal; encontrou-se todavia em Conimbriga e talvez nos arredores de Torres Novas, em cujo museu se encontra um exemplar (2).

f) Harden, *Roman tombs at Vasa: the glass*, «Report of the Department of Antiquities, Cyprus, 1940-48», 1955, fig. 23, a e Vessberg, 1956, fig. 46, 5. Harden data este tipo do seu período I (anterior a 250) e Vessberg atribui-o à época dos Antoninos e Severos.

(2) Alarcão, 1965, p. 53 s. e 1963 (1), p. 371.

O número 45 é fragmento de urna cinta decorativa que acompanhava parcialmente o bordo de um jarro de tipo Isings 56 ou 57 atribuível ao século i d.C.

O número 46 não tem paralelo próximo; a simplicidade da forma permite atribuí-lo a qualquer época entre o século i e o iv.

O número 47, que não incluímos na nossa publicação dos vidros de Conimbriga por ter sido adquirido posteriormente, tem paralelo muito próximo numa peça da coleção Amatller, que Gudiol atribuiu aos séculos i-iii (x). Não havendo paralelos estratificados é com certa reserva que aceitamos esta cronologia.

Os números 48 a 50, pela sua exiguidade, são difíceis de classificar. É possível que o primeiro seja resto de uma grande urna e o segundo de um copo Isings 37.

São comuns no século iv d.C. as garrafas cilíndricas, armadas de uma asa, que têm o número 126 da tipologia de Isings. É a esta forma que pertencem os nossos números 51 a 53.

O número 54 é certamente um boião, mas não podemos classificá-lo com segurança.

Os números 55 a 59 são pés de lâmpadas, datáveis dos fins do século iv d.C. pelo mais cedo, de que publicámos já alguns exemplares de Conimbriga (2).

40 – Vidro incolor, com laivos cor de vinho devido a impurezas de sais metálicos, bolhas de ar e estrias resultantes de soflagem.

Fragmentada e incompleta. Picada.

Alt. provável: c. 90 mm. Diâm. da boca: 30 mm. Esp.: 1 mm.

Bojo bulbiforme, gargalo cilíndrico, bordo ligeiramente revirado para dentro. Asa com apoio para o polegar.

Proveniente de Fronteira (Alentejo).

Colecção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).

41 – Vidro verde-gelo, com muitas bolhas de ar, grandes e circulares.

Irisado, riscado sobretudo pelo interior.

Fundo moldado, quadrangular. Nos cantos teria círculos com o centro marcado por uma pérola. O motivo central parece ser uma roseta (\*)

(\*) J. Gudiol y Cunill, *Catalech deis vidres de la colecció Amatller*, Barcelona, 1925, n.º 10.

(2) Alarcão, 1965, n.º 245 s.

de seis pétalas inscrita num círculo. As pontas da roseta são unidas pelos lados arqueados de um hexágono inscrito no mesmo círculo.

Encontrado provavelmente no criptopórtico de Aeminium.

Museu Nacional de Machado de Castro.

- 42 – Vidro verde-gelo.  
Picado e com irisão multicolor.  
Fundo moldado decorado com círculos concêntricos relevados.  
Proveniente das Represas (Beja).  
Colecção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).
- 43 – Vidro azul-cobalto escuro.  
Muito picado e com irisão multicolor.  
Esp.: 2 mm.  
Plataforma superior de uma asa de skyphos.  
Proveniente das Represas (Beja).  
Colecção do Dr. Nunes Ribeiro.
- 44 – Vidro verde-gelo, com algumas bolhas de ar e impurezas negras.  
Riscado.  
Asa delfiniforme.  
Encontrado provavelmente no criptopórtico de Aeminium.  
Museu Nacional de Machado de Castro.
- 45 – Vidro verde-esmeralda.  
Picado, com irisão e crateras.  
Parte do abraço decorativo de um bordo que parece mais trilobado do que circular.  
Proveniente de Alcácer do Sal.  
Museu Municipal de Alcácer do Sal.
- 46 – Vidro azulado.  
Intacto.  
Alt.: 100 mm. Diâm. máx.: 85 mm. Esp. 2 mm.  
Reservatório esférico decorado com linhas gravadas, fundo muito umbilicado, gargalo cilíndrico curto, bordo repuxado para fora, depois para dentro e para cima, formando uma pequena aba descaída.  
Encontrado em propriedade do Dr. João de Figueiredo em Defesa de Cima, no concelho de Borba.  
Colecção do Dr. João de Figueiredo (Vila Viçosa).
- 47 – Vidro translúcido, castanho-lilás.  
Completo e intacto, muito picado, irisado, com concreções calcárias.  
Alt.: 66 mm. Diâm. máx.: 49 mm. Esp. mín.: 2,5 mm.  
Bojo esférico, gargalo cilíndrico, bordo de arestas polidas ao torno.  
Decorado com caneluras, mais salientes no gargalo do que no bojo.  
Marca de pontel visível na base.

- Proveniente de Conimbriga, segundo informação da vendedora.  
Adquirido a D. Anna Pessanha em 1968.  
Museu Monográfico de Conimbriga.
- 48 – Vidro translúcido azul-ultramarino.  
Picado, com irisão multicolor e ranhuras cortando toda a espessura do vidro.  
Diâm. da boca: 130 mm. Esp. mín.: 1 mm.  
Bordo em forma de gola alta.  
Colecção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).
- 49 – Vidro verde quase esmeralda, transparente.  
Muito picado e com irisão multicolor.  
Diâm. da boca: 120 mm. Esp. mín.: 1 mm.  
Bordo em forma de gola como o anterior.  
Colecção do Dr. Nunes Ribeiro (Beja).
- 50 – Vidro incolor, com muitas bolhas de ar.  
Irisão nacarada.  
Diâm. da base: 42 mm. Esp.: 1 mm.  
Base de uma taça ou jarro, de pé apertado com turquês.  
Encontrado provavelmente no criptopórtico de Aeminium.  
Museu Nacional de Machado de Castro.
- 51 – Vidro verde-azeitona, com bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem.  
Diâm. da boca: 60 mm. Esp.: 2 mm.  
Gargalo cilíndrico, bordo envasado e decorado exteriormente com um cordão de vidro da mesma cor.  
Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.  
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 52 – Vidro verde-musgo, cheio de bolhas de ar e estrias resultantes da soflagem, com impurezas negras.  
Diâm. da boca: 64 mm.  
Bocal afunilado, decorado com um cordão de vidro da mesma cor.  
Um dos lados conserva-se até ao ombro, mostrando vestígios de asa.  
O outro conserva-se apenas em pequena porção da parte superior.  
Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.  
Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 53 – Vidro verde-musgo, coalhado de bolhas de ar e com pedra.  
Muito irisado, riscado.  
Esp.: 2 mm.  
Fragmento da parede e ombro de uma garrafa cilíndrica.  
Encontrado no Tramagal (Abrantes), em propriedade do Eng. Luís Bairrão, em cuja posse se encontra.

- 54 – Vidro verde-azeitona.  
Ranhuras fundas cortam toda a espessura do vidro.  
Alt.: 30 mm. Esp.: 3 mm.  
Colo encurvado, bordo revirado para dentro.  
Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.  
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 55 – Vidro verde-musgo, com ligeiras bolhas de ar.  
Riscado pelo uso.  
Alt.: 62 mm. Diâm. da base: 27 mm. Esp. mín.: 2 mm.  
Pé troncocónico com rebarbas na face inferior.  
Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.  
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 56 – Vidro verde-maçã, com algumas bolhas de ar.  
Picado e muito riscado pelo uso.  
Alt.: 48 mm. Diâm. do pé: 20 mm.  
Copa ovoide assente num pé cilíndrico curto.  
Proveniente do Monte de Santa Maria, Fiães, Vila da Feira.  
Museu do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências do Porto.
- 57 – Vidro verde-azeitona, com muitas bolhas de ar.  
Muito riscado e com ranhuras.  
Diâm. máx. do pé: 160 mm. Alt. 56 mm. Esp. mín.: 2 mm.  
Fundo de copa ovóide e pé em forma de bago.  
Encontrado provavelmente no criptopórtico de Aeminium.  
Museu Nacional de Machado de Castro.
- 58 – Vidro verde-musgo, com bolhas e ar e pedra.  
Muito riscado pelo uso.  
Alt.: 45 mm. Diâm. do pé: 2 mm. Esp. mín.: 1 mm.  
Fundo de copa ovóide e pé de perfil em U.  
Encontrado no Tramagal (Abrantes), em propriedade do Eng. Luís Bairrão, em cuja posse se encontra.
- 59 – Vidro verde-musgo, com bolhas de ar.  
Riscado e com ligeira irisão.  
Diâm. do pé: 20 mm. Alt.: 42 mm. Esp. mín.: 1,25 mm.  
Fundo de copa ovóide e pé de perfil em U.  
Encontrado provavelmente no criptopórtico de Aeminium.  
Museu Nacional de Machado de Castro.

## PEÇAS VÁRIAS

O Museu Nacional de Machado de Castro tem ainda alguns anéis, contas de colar, pedras de jogo, etc., que publicamos ãas estampas VI e VII em tamanho natural. Quanto aos anéis e contas, não podemos garantir que sejam todos romanos, não obstante terem sido achados no criptopórtico de Aeminium. Com excepção do anel 20, todas as outras peças foram achadas nos entulhos do criptopórtico. Aquele foi encontrado nas imediações do Museu, conforme indica uma etiqueta que diz: «Nas fundações do novo pavilhão contíguo ao portal de S. Tomás. A 1,50 m. do terreno actual sobre uma camada de opus signinum encontrou-se este anel em 24-25 de Agosto de 1937».

Os anéis 2 a 23 são todos de vidro negro, com excepção do 6, castanho-âmbar muito escuro, do 7, castanho-negro, do 22, âmbar e 23, azul-cobalto claro. O número 10 tem o aro espiralado; a mesa é feita de um cordão de vidro enrolado em espiral, erichada de agulhas de cabeça arredondada. O 23 tem as extremidades reviradas para fora, soldadas e achatadas de modo a formar uma pequena mesa.

O número 14 é uma cânula de vidro incolor, espiralada. O tipo é frequente nos séculos i e n e usava-se para agitar cosméticos e retirá-los dos unguentários.

As contas de colar são de vidro cor de âmbar 25, verde-esmeralda 26, verde-alface 27, azul Caran d'Ache 23, ouro velho 19 e verde-relva amarelado 20.

As pedras de jogo 22, 22 e 27 a 32 são de cor castanho-negra. As n.ºs 23 e 22, de vidro incolor. A 25, branco leitoso. A 26, verde-esmeralda. A 32, cor de âmbar.

A peça 33 é feita de dois fios de vidro, um cor de âmbar, outro verde-alface, enrolados em espiral. Finalmente, a 34 é de vidro verde-musgo. O uso destas peças é incerto (1).<sup>1</sup>

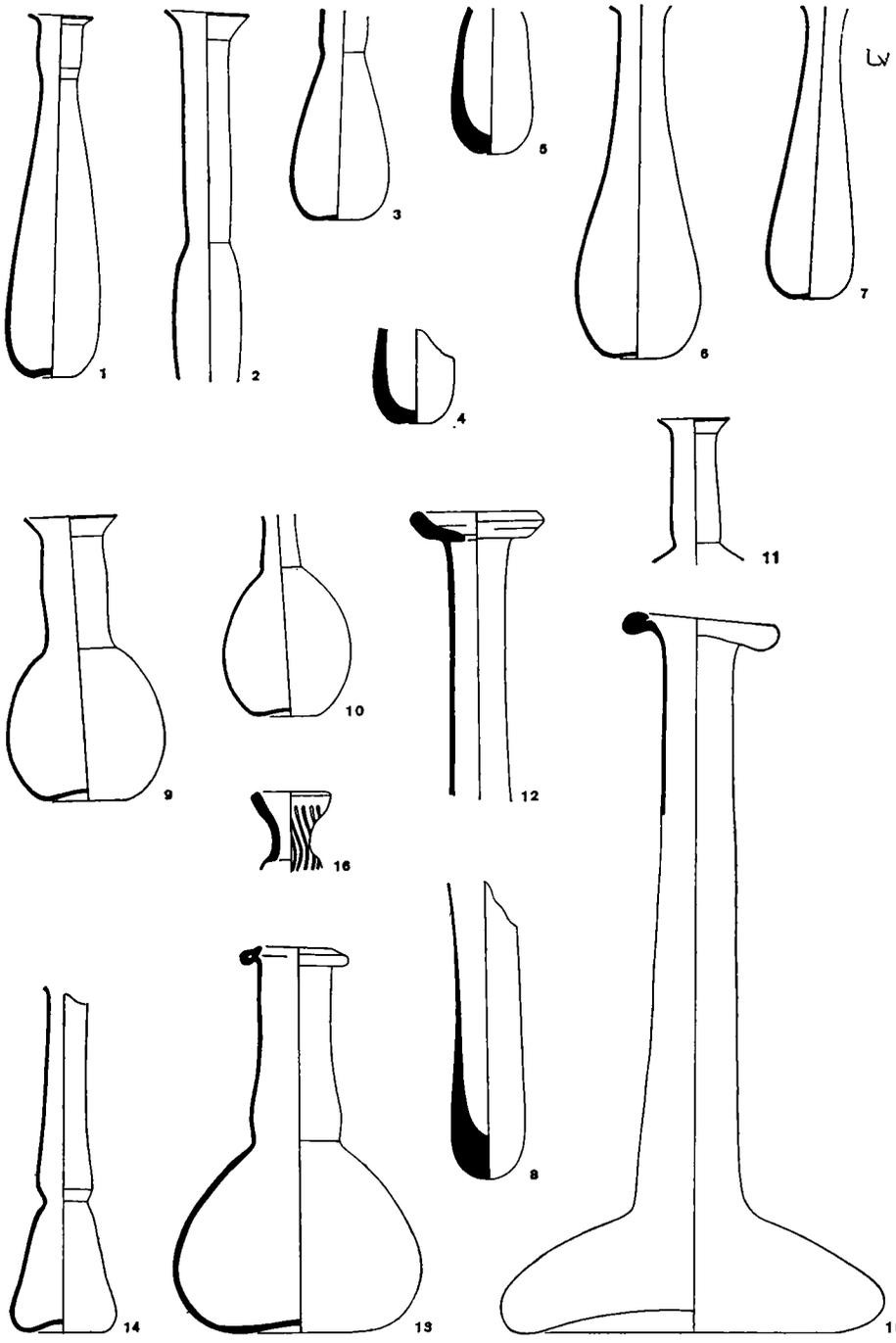
1) Harden, *Roman glass from Karanis*, Michigão, 1936, p. 295, considera estas peças como elementos das cânulas como a n.º 14 deste nosso artigo; atravessadas pela cânula, serviriam de tampa aos balsamários. E. B. Dusenbery, *Ancient glass from the cemeteries of Samothrace*, «Journal of Glass Studies», 9, 1967, p. 49, considera-os como botões de apertar vestuário.

ABREVIATURAS USADAS

- Alarcão, 1963: J. e A. Alarcão, *Vidros romanos do Museu de Martins Sarmento*, «Revista de Guimarães», Guimarães, 73(1-2), Jan.-Jun. 1963, p. 175-209.
- Alarcão, 1963(1): J. e A. Alarcão, *Quatro pequenas colecções de vidros romanos*, «Revista de Guimarães», Guimarães, 73(3-4), Jul.-Dez. 1963, p. 367-390.
- Alarcão, 1964: J. e A. Alarcão, *Vidros romanos do Museu Municipal da Figueira da Foz*, «Revista de Guimarães», Guimarães, 74(1-2), Jan.-Jun. 1964, p. 79-120.
- Alarcão, 1965: J. e A. Alarcão, *Vidros romanos de Conimbriga*, Conimbriga, 1965.
- Alarcão, 1967: J. Alarcão, *Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa*, «Conimbriga», Coimbra, 6, 1967, p. 1-45.
- Alarcão, 1968: J. Alarcão, *Vidros romanos de museus do Alentejo e Algarve*, «Conimbriga», Coimbra, 7, 1968, p. 7-39.
- Alarcão, 1969: J. Alarcão e Manuela Delgado, *Biblioteca Nacional de Lisboa, Catálogo do Gabinete de Numismática e Antiguidades, 1. Parte, Antiguidades ibéricas e romanas*, Lisboa, 1969.
- Berger, 1960: L. Berger, *Römische Gläser aus Vindonissa*, Basileia, 1960.

JORGE DE ALARCÃO

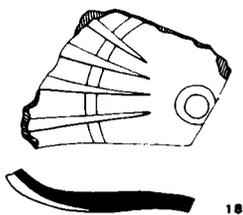
(Página deixada propositadamente em branco)



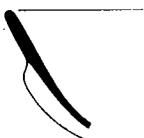
Est. II



17



18



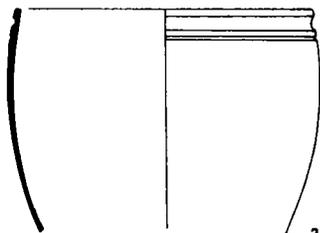
19



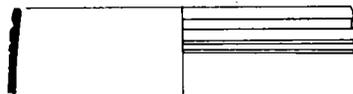
20



21



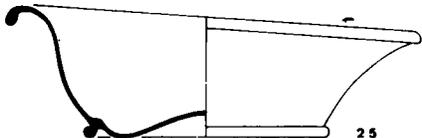
22



23



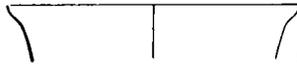
24



25



26

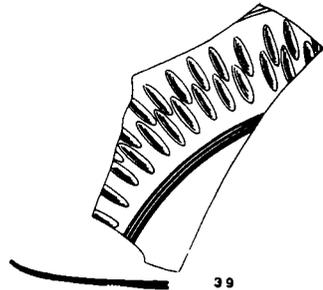
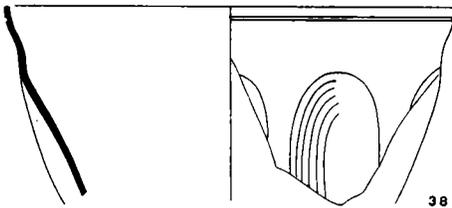
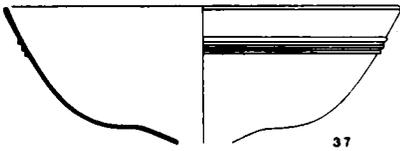
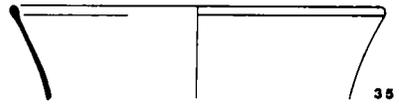
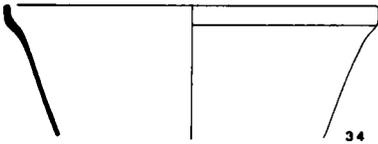
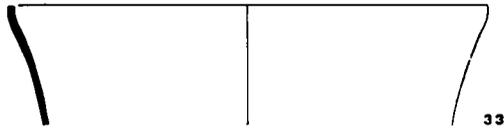
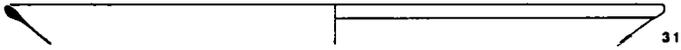
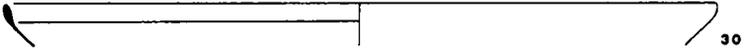
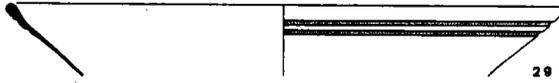


27

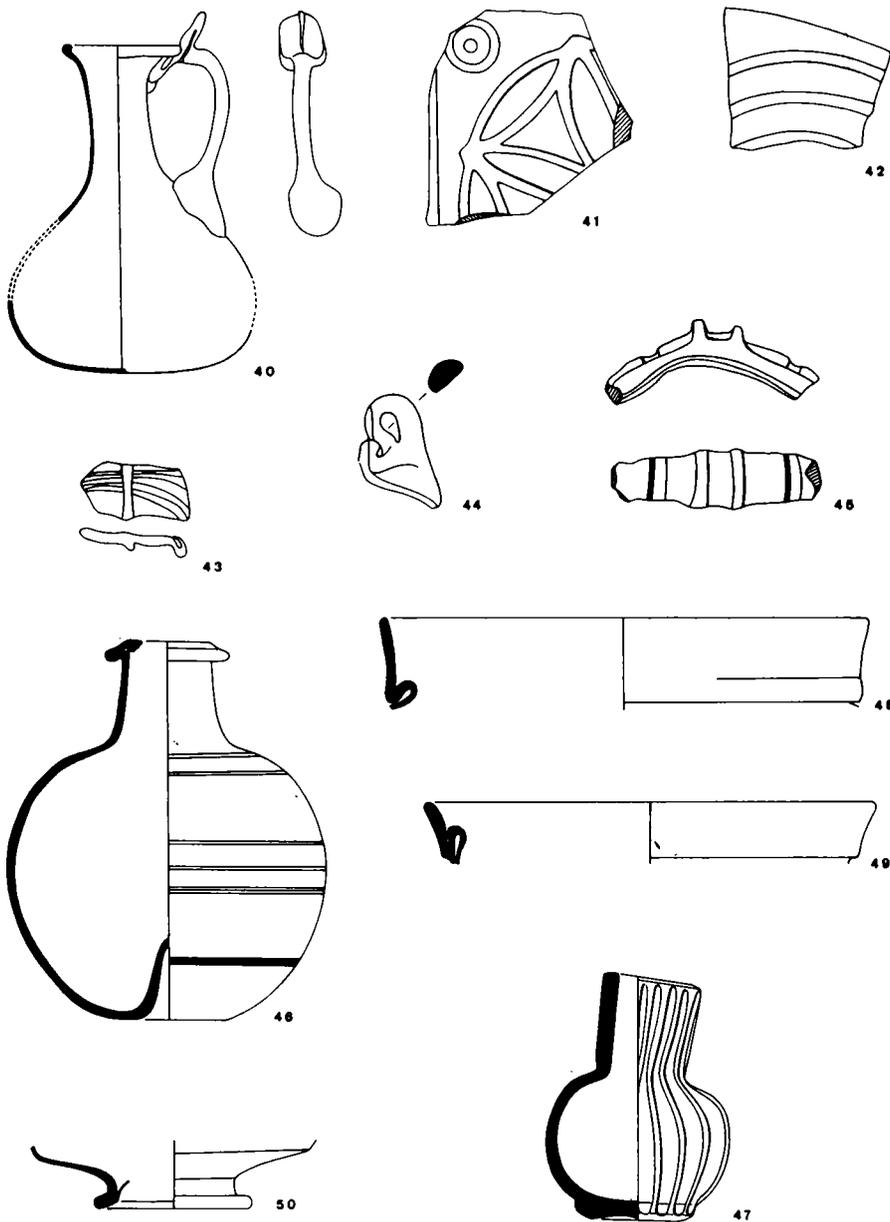


28

Esc. 1:2

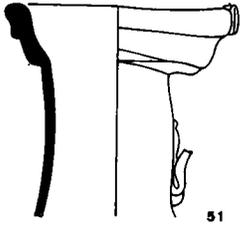


Est. IV

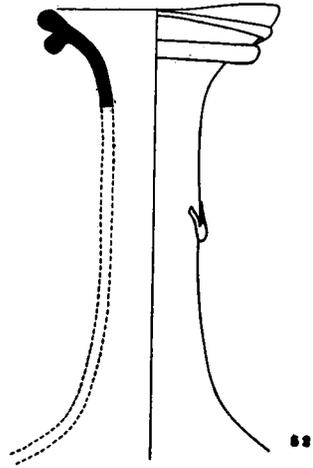


Esc. 1:2

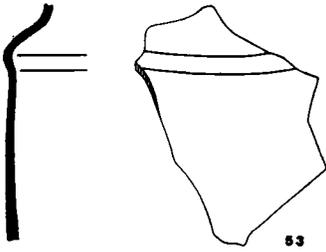
Est. V



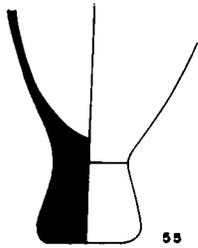
51



52



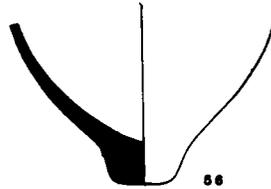
53



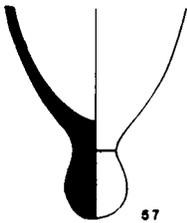
55



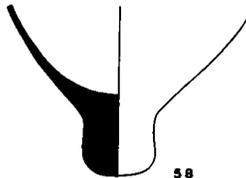
54



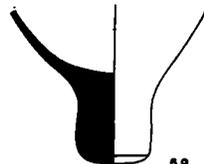
56



57



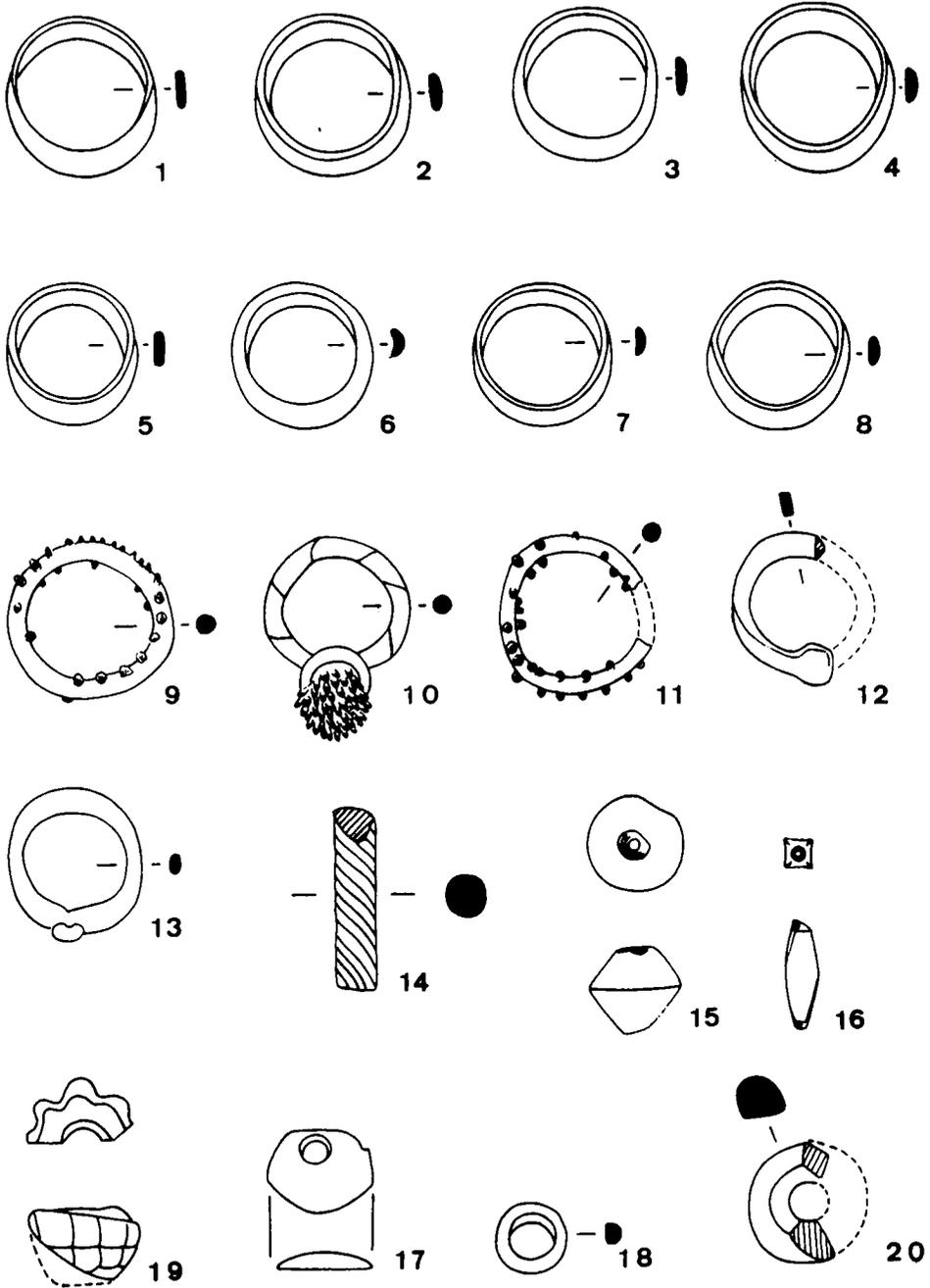
58



59

Esc. 1:2

Est. VI



Esc. 1:1

